

SEQUÊNCIAS CONSONÂNTICAS PROBLEMÁTICAS DO PORTUGUÊS

INTUIÇÕES NATIVAS ACERCA DAS FRONTEIRAS SILÁBICAS DENTRO DE SEQUÊNCIAS CONSONÂNTICAS MARCADAS DO PORTUGUÊS

Mariana Ribeiro¹

up201506552@letras.up.pt

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (PORTUGAL)

RESUMO. A divisão silábica das sequências consonânticas Obstruente ϕ Obstruente, Obstruente ϕ Nasal e Nasal ϕ Nasal não é consensual nas descrições fonológicas da língua pelo facto de, de acordo com a literatura, estas sequências de consoantes não poderem constituir Ataques ramificados por violarem o Princípio de Sonoridade e/ou a Condição de Dissemelhança. Este tipo de consoantes também não deve ocupar a posição de Coda na fonologia da língua. Por esse motivo, Mateus & d'Andrade (2000) propõem a separação das duas consoantes em sílabas diferentes e sucessivas, considerando uma Hipótese de Núcleo Vazio regido pela primeira consoante. O objetivo deste trabalho foi verificar se os falantes nativos também consideram essa possibilidade de Núcleo não preenchido quando realizam a divisão silábica deste tipo de sequências consonânticas.

PALAVRAS-CHAVE. Divisão Silábica, Sequências Consonânticas, Ataques Ramificados, Princípio de Sonoridade, Condição de Dissemelhança.

ABSTRACT. The syllable division of the consonant sequences Obstruent ϕ Obstruent, Obstruent ϕ Nasal and Nasal ϕ Nasal is not consensual in the phonological descriptions of the language because, having literature as a solid foundation, these consonant sequences can not constitute Onset clusters due to the fact that they violate the Sonority Principle and/or the Dissimilarity Condition. This type of consonants also should not fill the position of Coda in the language's phonology. For this reason, Mateus & d'Andrade (2000) suggest the separation of the two consonants into different and successive syllables, considering an Empty Nucleus Hypothesis managed by the first consonant. The purpose of this study was to find if native speakers also consider this possibility of an unfilled Nucleus when they prosodize the syllable division of this kind of consonant sequences.

KEYWORDS. Syllable Division, Consonant Sequences, Onsets, Sonority Principle, Dissimilarity Condition.

1. Introdução

¹ Estudante de 3º ano da Licenciatura em Ciências da Linguagem, variante de Linguística.

O presente trabalho tem como objetivo a análise da divisão silábica realizada por falantes nativos do português de três tipos específicos de sequências consonânticas da língua – Obstruinte ϕ Obstruinte, Obstruinte ϕ Nasal e Nasal ϕ Nasal. Estas sequências de consoantes são consideradas problemáticas, marcadas ou excepcionais, devido ao facto de violarem dois princípios silábicos que assentam em restrições fonotáticas – o Princípio de Sonoridade e/ou a Condição de Dissemelhança. Pelo contrário, temos sequências não marcadas ou naturais na língua, quando a primeira consoante (adiante, C1) corresponde a uma Obstruinte e a segunda consoante (adiante, C2) corresponde a uma Líquida Coronal. Este tipo de sequências não viola nenhum daqueles princípios.

A sílaba do português, composta pelos constituintes Ataque, Rima, Núcleo e Coda, é sensível a alguns princípios que ajudam a determiná-la e identificá-la como unidade linguística da língua e que fazem com que ela não seja um mero conjunto de segmentos agrupados de forma aleatória, como afirmam Freitas & Santos (2001).

Como objetivo principal deste estudo ter-se-á a análise do constituinte Ataque e dos segmentos que podem ocorrer nesta posição silábica em português, partindo das definições tradicionais a respeito do conceito de sílaba e da estrutura que esta unidade linguística geralmente possui.

Como objetivo específico, tentar-se-á averiguar se a hipótese proposta por Mateus & d'Andrade (2000), na qual sugerem uma Hipótese de Núcleo Vazio na divisão silábica de palavras que contêm sequências consonânticas marcadas, se verifica no comportamento fonológico de um grupo de falantes nativos do português europeu (adiante, PE).

À parte esta hipótese, que se procurará averiguar no julgamento explícito de fronteira silábica dos falantes, com a prosodização das duas consoantes enquanto Ataque-Ataque (em que as duas consoantes correspondem a Ataque de duas sílabas distintas e sucessivas, sendo que a primeira delas não tem Núcleo preenchido), tentar-se-á perceber também se a silabificação destas consoantes é feita numa única sílaba (seguindo o formato de Ataque ramificado, com as duas consoantes em posição adjacente dentro da mesma sílaba) ou ainda se as duas consoantes são prosodizadas em duas sílabas diferentes (correspondendo C1 à Coda da primeira sílaba e C2 ao Ataque da segunda sílaba).

Em primeiro lugar, irão ser apresentadas algumas definições tradicionais de sílaba, os constituintes que compõem esta unidade linguística e os princípios pela qual esta se organiza. Em segundo lugar, irão ser discutidos os resultados do estudo empírico e as respetivas conclusões que se puderam tirar desses resultados.

Os indivíduos que constituíram a amostra deste estudo foram sujeitos à aplicação de um teste que continha uma lista de 44 palavras apresentadas através de áudio e, após a audição de todas elas, teriam que proceder à divisão silábica explícita de todas essas palavras, sendo que as que eram de maior interesse para o estudo eram as palavras que continham as sequências consonânticas em análise.

2. Conhecimento fonológico

De acordo com Freitas & Santos (2001), o conhecimento fonológico da língua engloba unidades gramaticais de natureza segmental, como os sons da fala ou segmentos, que se encontram na base da hierarquia que caracteriza a organização das unidades fonológicas e de unidades de natureza prosódica, que são unidades de níveis superiores na hierarquia como a sílaba, o acento ou a entoação. Iremos concentrar-nos na análise da unidade *sílaba*.

É importante salientar o que afirma Roach (2001), a propósito daquilo que para o autor é relevante quando se tenta definir o conceito de sílaba e explicar a importância desta unidade prosódica:

“The syllable is a very important unit. Most people seem to believe that, even if they cannot define what a syllable is, they can count how many syllables there are in a given word or sentence. If they are asked to do this they often tap their finger as they count, which illustrates the syllable’s importance in rhythm of speech.”

Roach (2001: 70)

A sílaba é uma unidade linguística que nos ajuda a compreender a organização fonológica de uma língua (Spencer 1996). Esta organiza-se dentro de uma palavra e é composta por segmentos, que se agrupam de forma hierarquizada e estruturada, com base em certos princípios pela qual se rege e que permitem identificar morfemas e palavras de uma língua específica. O estudo da sílaba é fundamental pelo facto de esta unidade linguística também desempenhar um papel muito importante nos processos fonológicos de uma língua (Bisol 1999).

Na próxima secção será feita a apresentação de algumas definições do conceito de sílaba propostas por diferentes autores.

3. Algumas definições de sílaba para diferentes autores

Desde cedo, na tentativa de definir o conceito de sílaba, foi tida em consideração a existência de uma vogal para estabelecer os limites destas unidades. Tendo uma vogal presente, podemos sempre detetar uma sílaba no português, sendo os restantes elementos (consoantes e semivogais) organizados no contexto desta (Cunha & Cintra 1984: 53; Barroso 1999: 155; Bisol 1999: 702; Freitas & Santos 2001: 20).

A definição do conceito de sílaba também oscilou entre as propostas de esta ser o resultado de um único movimento expiratório e de uma única emissão de voz, como sugerem Viana (1892: 24) e Cunha & Cintra (1984: 53-54).

Mateus, Frota & Vigário (2003) apresenta a seguinte definição de sílaba:

“A **sílaba** é uma construção perceptual, isto é criada no espírito do ouvinte, com propriedades específicas que não decorrem da simples segmentação fonética das sequências de segmentos. Na realidade, a sílaba tem uma **estrutura interna** organizada hierarquicamente.”

(Mateus, Frota & Vigário 2003: 1038)

A definição do conceito de sílaba parece ser relativamente difícil de determinar entre os autores anteriormente citados. No entanto, podemos verificar pontos comuns dentro dos autores consultados, nomeadamente em relação ao facto de que, para existir uma sílaba, tem que existir uma vogal.

No entanto, a intuição dos falantes nativos contraria esta dificuldade de definição (Barbeiro 1986: 49; Roach 2001: 70). Por isso é que Câmara (1976: 43) defende que a sílaba está presente no conhecimento intuitivo dos falantes nativos devido ao facto de ser “uma divisão espontânea”.

Apesar de muito se ter considerado no que diz respeito à definição do conceito de sílaba, a descrição das estruturas silábicas admissíveis na língua é menos frequente e a identificação das fronteiras dentro de sequências marcadas não é suficiente para se tratar o tema de modo adequado.

Na secção 4 será feita a descrição da estrutura interna desta unidade linguística.

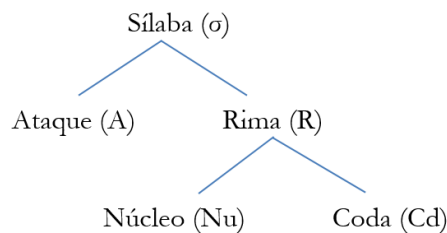
4. Estrutura interna da sílaba

Foi a partir dos anos oitenta que começou a ser descrita a estrutura silábica de várias línguas do mundo, com base em vários modelos fonológicos. Aquele que foi adotado para a descrição da sílaba no português foi o modelo de representação da estrutura silábica de

Selkirk (1984), o modelo 'Ataque-Rima' (Freitas & Santos 2001). Este é o modelo mais produtivo nos estudos descritivos para o português.

A estrutura interna da sílaba corresponde ao diagrama que se apresenta em (1):

- (1) Estrutura interna da sílaba (Selkirk 1984; Blevins 1995; Bisol 1999; Freitas & Santos 2001; Mateus 2003; Veloso 2003)



Com base neste modelo, a sílaba corresponde a uma estrutura que contém constituintes silábicos que apresentam, no máximo, duas posições internas, como se pode observar em Freitas & Santos (2001): a sílaba ramifica em Ataque e Rima e a Rima, por sua vez, ramifica em Núcleo e Coda. Cada constituinte está associado a um ou a dois segmentos, podendo também não estar associado a nenhum material segmental.

Desta forma, cada constituinte pode ser ramificado ou não ramificado. Um constituinte é ramificado quando a ele estão associados dois segmentos e é não ramificado quando está apenas um segmento associado a ele ou quando o constituinte se encontra vazio, sendo preenchido pelo símbolo \emptyset que representa uma categoria vazia.

5. Constituintes silábicos

Irá ser apresentada, em primeiro lugar, uma breve descrição dos constituintes Rima, Núcleo e Coda e só depois se fará a descrição do constituinte Ataque, devido ao facto de ser sobre este constituinte que iremos incidir a nossa análise.

5.1. Rima

A Rima é o constituinte silábico que inclui o Núcleo e a Coda. A existência deste constituinte que se encontra no mesmo nível do Ataque justifica-se pelo facto de, em muitas línguas do mundo, haver uma relação fonológica muito mais forte entre os segmentos que integram a Coda e o Núcleo do que os segmentos que integram o Ataque e o Núcleo (Freitas & Santos 2001).

A Rima pode ser: não ramificada, quando apresenta apenas o Núcleo preenchido (exs. *má*, *pê*) ou ramificada quando apresenta o Núcleo e a Coda preenchidos (exs. *cul.to*,

mês.mo), podendo eventualmente apresentar vogais nasais (ex. *lã*) ou ditongos decrescentes (ex. *mau*)².

5.2. Núcleo

O Núcleo é, de acordo com a literatura, o constituinte silábico de preenchimento obrigatório em português. Mais à frente, iremos verificar que esta particularidade deste constituinte será posta em causa por Mateus & d'Andrade (2000).

Contém a vogal da sílaba, podendo esta eventualmente encontrar-se associada a uma semivogal (formando um ditongo crescente se a semivogal (G) preceder a vogal (V), correspondendo ao formato GV, como em *sea.ra*, ou formando um ditongo decrescente se a semivogal surgir depois da vogal, correspondendo ao formato VG, como em *lei.te*) (Freitas & Santos 2001).

O Núcleo pode ser: não ramificado, quando apresenta apenas uma vogal (exs. *li*, *po*) ou ramificado, quando apresenta uma semivogal associada a uma vogal (ex. *ai*.*po*).

5.3. Coda

A Coda é o constituinte silábico que engloba a(s) consoante(s) à direita da vogal. As únicas consoantes que podem ocorrer nesta posição são: a vibrante alveolar /r/, a lateral alveolar /l/, com o formato fonético velarizado /ɫ/, e a fricativa /s/, com os formatos fonéticos palatais /ʃ/ e /ʒ/. A Coda pode ser ramificada ou não ramificada em várias línguas do mundo, embora o português só apresente Codas não ramificadas (com a exceção de algumas palavras muito raras na língua que apresentam dois segmentos nesta posição, como *pers.pe.ti.va* e *sols.tí.cio*). Este constituinte pode também encontrar-se vazio.

Em português, a Coda é maioritariamente não ramificada, correspondendo apenas um segmento a este constituinte silábico como em *par.to*, *cul.pa*, *sismo* e *mosca*.

5.4. Ataque

O Ataque é o constituinte silábico que corresponde à(s) consoante(s) que se encontram à esquerda da vogal. Todas as consoantes do português podem ocorrer em Ataque de sílaba não inicial de palavra; em Ataque de sílaba inicial só não podem ocorrer as consoantes [ɲ], [ʎ] e [ç] (Mateus & d'Andrade 2000; Mateus, Frota & Vigário 2003). Este constituinte também pode encontrar-se vazio.

² A propósito deste tema, cf. Mateus & d'Andrade (2000: 46-51).

O Ataque pode ser: vazio, quando não está associado a material segmental (exs. *Øes.pe.lbo*, *Øal.ma*); não ramificado, quando está associado apenas a um segmento (exs. *Nuno*, *bloco*) ou ramificado, quando este constituinte é preenchido por dois segmentos (exs. *teclado*, *troca*).

Feita a descrição de todos os constituintes silábicos de forma bastante sucinta, iremos, a partir de agora, incidir sobre este último constituinte.

O Ataque só pode ser ramificado se, como dissemos anteriormente, C1 corresponder a uma Obstruente e C2 corresponder a uma Líquida Coronal. Apenas neste caso é que o Princípio de Sonoridade e a Condição de Dissemelhança são respeitados.

Relativamente às sequências consonânticas compostas por Obstruente \emptyset Obstruente, Obstruente \emptyset Nasal e Nasal \emptyset Nasal, estas não podem corresponder a Ataques ramificados na língua devido ao facto de ser violado ou um ou os dois princípios silábicos.

6. Princípio de Sonoridade e Condição de Dissemelhança

O estudo destes dois princípios pela qual a sílaba se rege deve-se ao facto de existirem algumas sequências consonânticas para as quais não existe consensualidade nas descrições fonológicas da língua.

A dificuldade em definir a fronteira silábica deste tipo de sequências de consoantes é confirmada pelas citações dos seguintes autores citados por Veloso (2003):

A sílaba tem, portanto, um núcleo, um pólo de atracção, é a sua vogal, por vezes uma combinação de vogais. As consoantes rodeiam este núcleo, e a dificuldade pode surgir do facto de estas consoantes poderem ser duas, três, e por vezes interrogamo-nos a que sílaba pertence esta ou aquela consoante.

(Morais 1994: 138)

Todavia, (...) [ã] evidência intuitiva da sílaba opõe-se (...) a dificuldade de delimitar/estabelecer, com rigor e exactidão, as suas fronteiras. E isto acontece, particularmente, quando se está na presença dos chamados grupos (e/ou encontros) consonânticos, sobretudo no interior de unidade acentual. Em alguns destes casos, não há certezas quanto à sua interpretação ou como **codas** da sílaba anterior, ou como **ataques** da seguinte, ou como uma e outro ao mesmo tempo (uns segmentos constituindo uma, outros segmentos formando outro).

(Barroso 1999: 156-157)

Um dos argumentos que ajudam a provar a complexidade destas sequências consonânticas é o carácter mais natural das sílabas constituídas por uma consoante e uma vogal, correspondendo ao formato CV. A sua alta frequência em línguas do mundo, o facto de algumas línguas usarem apenas este formato e as primeiras produções de crianças serem precisamente sílabas com este formato (Freitas 2017) são provas de que este é o formato mais universal e não marcado (Blevins 1995: 220; Freitas & Santos 2001: 51; Veloso 2003: 95).

De acordo com Vigário & Falé (1994), a estruturação da sílaba assenta em princípios que permitem organizar hierarquicamente a sílaba e que são a aplicação de restrições fonotáticas.

Um deles é o Princípio de Sonoridade. O Princípio de Sonoridade (PS) determina que os segmentos que sucedem dentro de uma sílaba aumentam de sonoridade até ao pico da sílaba, correspondente ao Núcleo silábico, e decrescem de sonoridade a partir deste. As autoras citadas anteriormente definem este princípio da seguinte forma:

(2) Princípio de Sonoridade

“Numa sílaba, a sonoridade dos segmentos tem de decrescer a partir do núcleo até às suas extremidades. A sonoridade dos segmentos é definida pela seguinte escala, apresentada por ordem decrescente de sonoridade: Vogais – Líquidas – Nasais – Fricativas – Oclusivas.”

(Vigário & Falé 1994: 473)

A escala de sonoridade de Vigário & Falé (1994) adaptada ao português, com base em Selkirk (1984), é a principal orientação descritiva para o português e é apresentada pelas autoras da seguinte forma:

(3) Escala adaptada ao português de Vigário & Falé (1994: 474) com base em Selkirk (1984)

Oclusivas		[-voz]	0,5
		[+voz]	1
Fricativas	[-cor]	[-voz]	1,5
		[+voz]	2
	[+cor]	[-voz]	2,5
		[+voz]	3
Nasais			3,5
Líquidas	Laterais		5,5

	Vibrantes	6
Vogais		10

O outro princípio que as mesmas autoras apontam é a Condição de Dissemelhança (CD). Este princípio silábico “deve especificar, para cada língua, o valor da diferença de sonoridade que os segmentos adjacentes numa mesma sílaba devem manter entre si” (Vigário & Falé 1994: 473). A definição proposta pelas autoras é a seguinte:

(4) Condição de Dissemelhança

“Os segmentos adjacentes numa mesma sílaba têm de ter entre si uma diferença de sonoridade igual ou superior a 4 [...], sendo sempre preferível um valor superior e sendo sempre marcada (ou impossível) uma sequência com um valor inferior.”

(Vigário & Falé 1994: 474)

Com base nestes dois princípios, é possível afirmar que há sequências de consoantes que não podem ser admitidas em português, como as sequências de consoantes Obstruinte∅Obstruinte, Obstruinte∅Nasal e Nasal∅Nasal, devido ao facto de o valor da sonoridade não crescer em direção ao Núcleo e decrescer a partir deste ou de a diferença de sonoridade entre os dois segmentos não corresponder a um valor igual ou superior a 4.

7. Hipótese de Núcleo Vazio

Mateus & d’Andrade (2000), tendo em conta a dificuldade de associação ao mesmo ou a diferentes constituintes silábicos deste tipo de consoantes que integram estas sequências problemáticas da língua, afirmam que as duas consoantes não correspondem ao Ataque de uma única sílaba, mas antes ao Ataque de duas sílabas diferentes, sendo a primeira consoante Ataque de uma sílaba sem Núcleo preenchido (fazendo surgir uma Hipótese de Núcleo Vazio) e a segunda consoante corresponde ao Ataque de uma sílaba com Núcleo preenchido. Desta forma, consideram que não existe violação destes dois princípios e também confirmam a inexistência deste tipo de sequências consonânticas em Ataque ramificado (Vigário & Falé 1994).

Os argumentos empíricos apresentados para sustentar a hipótese que estes dois autores sugerem são os seguintes:

1. dificuldades em atribuir C1 à Coda da primeira sílaba ou ao Ataque da segunda sílaba (ex. *ad.mirar* e *a.dmi.rar*) (Mateus & d’Andrade 2000: 44);

2. as produções de crianças durante a aquisição da linguagem mostram que é inserida uma vogal entre as duas consoantes (ex. *pneu* [pi'new] por ['pnew] ou *afã* ['aftɐ] por ['aftɐ]) (Mateus & d'Andrade 2000: 44; Freitas & Santos 2001: 37; Mateus 2003: 1042);
3. nas produções de crianças nunca se encontra o apagamento do segundo segmento em sequências marcadas enquanto que em sequências naturais já é possível verificar-se esse apagamento (ex. *branco* ['bãku]) (Mateus & d'Andrade 2000: 44-45; Freitas & Santos 2001: 37-38);
4. argumento de natureza fonética: se nas sequências *espaço* e *esbirro*, /S/ corresponder a coda da primeira sílaba, esta consoante assimila o vozeamento da consoante seguinte; no entanto, se houver um Núcleo vazio entre as duas consoantes, este impede que a consoante desencadeie a regra de assimilação (Mateus & d'Andrade 2000: 45);
5. em diversas produções, o Núcleo vazio é preenchido por uma *vogal epentética* (geralmente [i] no PE, [i] ou [e] no PB³) (ex. *pneu*: PE - [pi'new]; PB - [pi'new]/[pe'new]) (Mateus & d'Andrade 2000: 45; Freitas & Santos 2001: 36-37; Mateus 2003: 1042).

Dito isto, nas secções seguintes, será apresentada a motivação do presente estudo e também a descrição da metodologia utilizada para verificar a existência da hipótese proposta por Mateus & d'Andrade (2000).

8. Motivação do estudo

Como já dissemos anteriormente, foi a hipótese de existência de um Núcleo vazio proposta por Mateus & d'Andrade (2000) que motivou a realização do presente estudo.

Apesar de os autores apontarem alguns argumentos empíricos para comprovar esta hipótese, não remetem para nenhum estudo experimental em que seja possível verificar as dificuldades de falantes nativos em estabelecer fronteira silábica dentro deste tipo de sequências consonânticas nem é possível comprovar também se os falantes efetivamente consideram a existência de um Núcleo vazio quando apresentam o seu julgamento explícito de fronteira silábica.

³ Português do Brasil.

Por isso, com o presente estudo tentou perceber-se quais são as efetivas intuições de sujeitos autênticos e de que modo este tipo de sequências consonânticas se encontram representadas no conhecimento fonológico dos falantes.

9. Estudo empírico

9.1. Amostra

Realizou-se um teste com um grupo de 23 indivíduos falantes nativos do português europeu e, mais especificamente, das variedades setentrionais da língua, todos naturais e residentes no distrito do Porto. Foram inquiridas 11 pessoas do sexo masculino (48%) e 12 pessoas do sexo feminino (52%).

Os indivíduos que constituíram a amostra deste estudo foram agrupados em função de uma faixa etária e de um nível de escolaridade.

O primeiro grupo corresponde ao conjunto de adultos escolarizados que se encontravam, à data da aplicação do teste, dentro da faixa etária dos 29-65 anos de idade e possuíam o 12º ano de escolaridade ou grau de escolaridade superior.

O segundo grupo corresponde ao conjunto de adultos não escolarizados que se encontravam, à data da aplicação do teste, dentro da faixa etária dos 29-65 anos de idade e possuíam o 9º ano de escolaridade ou grau de escolaridade inferior.

O terceiro grupo corresponde a jovens escolarizados que se encontravam, à data da aplicação do teste, dentro da faixa etária dos 16-25 anos de idade e a frequentar o 10º, 11º ou 12º ano do ensino secundário ou o 1º, 2º ou 3º de Licenciatura⁴.

9.2. Material linguístico

O teste aplicado era composto por 44 palavras, sendo que 20 dessas palavras eram palavras “distratoras” (contendo sequências consonânticas não marcadas) e 24 dessas palavras continham as sequências consonânticas em análise.

A seleção das 20 palavras “distratoras” foi feita obedecendo às seguintes condições: 4 palavras compostas por CV (2 dissílabos e 2 trissílabos), 4 palavras compostas por CCV (2

⁴ Apesar da descrição concreta que temos da população do estudo, aquilo que nos vai interessar mais para este trabalho não será tanto a idade ou o nível de escolaridade dos informantes, mas sim a forma como realizam a divisão silábica destas sequências consonânticas e se o facto de elas aparecerem em posição inicial ou em posição medial de palavra é determinante. Num trabalho futuro, procederemos à associação da faixa etária e nível de escolaridade a estes dois aspetos que serão focados neste trabalho.

dissílabos e 2 trissílabos), 4 palavras compostas por CVC (2 dissílabos e 2 trissílabos), 4 palavras compostas por CCVC (2 dissílabos e 2 trissílabos) e 4 palavras compostas por CVG (2 dissílabos e 2 trissílabos).

As 24 palavras com as sequências consonânticas em análise eram: 9 palavras com sequências consonânticas compostas por Obstruinte∅Obstruinte, 4 em posição inicial de palavra e 5 em posição medial; 10 palavras com sequências consonânticas compostas por Obstruinte∅Nasal, 3 em posição inicial de palavra e 7 em posição medial e, por último, 5 palavras com sequências consonânticas compostas por Nasal∅Nasal, 1 em posição inicial de palavra e 4 em posição medial.

Nas figuras A, B e C temos os exemplares da ficha de apresentação do teste, da lista de palavras selecionadas para aplicação do estudo (que não foi em vez alguma revelada aos informantes, devido ao facto de estes terem que se abstrair o máximo possível do conhecimento gráfico da palavra) e da ficha de anotação das respostas dos informantes por parte do examinador (que continha, naturalmente, apenas as palavras com as sequências consonânticas em análise), respetivamente.

Figura A. Ficha de apresentação do teste

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Licenciatura em Ciências da Linguagem
Ano Letivo 2017/2018
Projeto
Mariana Ribeiro

Este teste enquadra-se na unidade curricular de Projeto do 3º ano da Licenciatura em Ciências da Linguagem, do presente ano letivo de 2017/2018, e diz respeito ao estudo da Fonologia do português. Tem como principal objetivo a análise de divisão silábica explícita da língua portuguesa.

A participação neste estudo é anónima, pelo que não serão solicitados, em momento algum, dados pessoais. Os dados recolhidos serão utilizados exclusivamente para efeitos estatísticos.

Agradeço muito pela sua colaboração neste estudo.

Aplicação do teste

1. Irá ouvir uma gravação em que serão ditas 45 palavras.
2. Depois de ouvir cada palavra, segue-se um intervalo de silêncio. Nesse momento, deverá indicar a divisão silábica que considera a mais indicada através de palmas, de contagem pelos dedos ou de batidas com a mão numa mesa.
3. À medida que indicar a divisão silábica para cada palavra, aguarde que o examinador anote os seus resultados.

Figura B. Lista de palavras seleccionadas para aplicação do estudo

Lista de palavras

- | | |
|----------------|--------------------|
| 1. ATLETA | 24. ÓMNIA |
| 2. MANEIRA | 25. DRACMA |
| 3. DESPORTO | 26. TURMA |
| 4. CTENÓFORO | 27. MAGMA |
| 5. PRATO | 28. SIGNO |
| 6. OBJETO | 29. EMPLASTRO |
| 7. EDMUNDO | 30. ALMOÇO |
| 8. ACNE | 31. GNOMO |
| 9. PNEUMÁTICO | 32. TMESE |
| 10. COPO | 33. ABRIL |
| 11. PTEROFAGIA | 34. PSICOLOGIA |
| 12. PRISMA | 35. ÓBVIO |
| 13. AMNÉSIA | 36. AULA |
| 14. FACTO | 37. LEITE |
| 15. TRATADO | 38. OMNISCIENTE |
| 16. MNEMÓNICA | 39. RITMO |
| 17. DOURADO | 40. ROSA |
| 18. SISMO | 41. TAPETE |
| 19. AFTA | 42. AMNÍOTICO |
| 20. EXEMPLOS | 43. ETNIA |
| 21. CZARISTA | 44. STANDARDIZAÇÃO |
| 22. GLOBO | 45. EQUIPA |
| 23. ADJETIVO | |

Figura C. Ficha de anotação das respostas dos informantes

Informante 16

Idade:

Sexo:

Naturalidade:

Nível de escolaridade:

PALAVRA	ATAQUE RAMPICADO	CODA-ATAQUE	ATAQUE-ATAQUE	OUTRAS RESPOSTAS
4. CTENÓFORO				
6. OBJETO				
7. EDMUNDO				
8. ACNE				
9. PNEUMÁTICO				
11. PTEROFAGIA				
13. AMNÉSIA				
14. FACTO				
16. MNEMÓNICA				
19. AFTA				
21. CZARISTA				
23. ADJETIVO				
24. ÓMNIA				
25. DRACMA				
27. MAGMA				
28. SIGNO				
31. GNOMO				
32. TMESE				
34. PSICOLOGIA				
35. ÓBVIO				
38. OMNISCIENTE				
39. RITMO				
42. AMNÍOTICO				
43. ETNIA				

9.3. Procedimento

O teste foi aplicado individualmente e os estímulos foram apresentados através de uma gravação e em ordem aleatória. Foi solicitado aos participantes do estudo que realizassem a divisão silábica explícita das palavras apresentadas e a silabificação proposta era

posteriormente registada na possibilidade prevista correspondente. Com isto, pretendia-se verificar se a silabificação destas sequências consonânticas era realizada enquanto Ataque Ramificado, Coda-Ataque ou Ataque-Ataque.

Quanto às três possibilidades de silabificação consideradas, é conveniente esclarecer os critérios para a categorização das respostas.

Em primeiro lugar, a divisão silábica enquanto Ataque Ramificado seria a resposta registada quando os sujeitos colocavam as duas consoantes na mesma sílaba em posição adjacente e antes de vogal (ex. o.**bje**.to). Estas sequências de consoantes prosodizadas enquanto Ataque Ramificado violam o PS e a CD.

Depois, a possibilidade de silabificação Coda-Ataque, seria a resposta registada quando os sujeitos dividiam as duas consoantes por duas sílabas diferentes articulando uma vogal antes da primeira consoante (ex. **ob**.je.to). Estas sequências de consoantes prosodizadas enquanto Coda-Ataque não respeitam a restrição dos segmentos que podem ocorrer em Coda. Em português, este constituinte silábico não deve ser preenchido por segmento diferente de {r, l, j, ʒ}.

Por último, a prosodização enquanto Ataque-Ataque, seria a resposta registada quando os sujeitos dividiam as duas consoantes por duas sílabas sucessivas separando a primeira consoante de uma vogal à esquerda (ex. **o.b**.je.to). Estas sequências de consoantes prosodizadas enquanto Ataque-Ataque não violam o PS nem a CD e esta seria a possibilidade de silabificação através da qual, de forma bastante limitada, se poderia verificar se os falantes admitem ou não Núcleos vazios na língua.

9.4. Organização das respostas

Depois de serem analisadas as respostas de todos os indivíduos, procedeu-se à organização dos dados.

Em primeiro lugar, o conjunto de 44 palavras (20 palavras distratoras e 24 palavras com as sequências consonânticas em análise), multiplicado pelos 23 indivíduos que constituíam a amostra do estudo corresponde a um total de 1012 respostas. Dessas 1012 respostas, apenas 552 correspondiam a respostas relativas às sequências consonânticas marcadas (Obstruinte∅Obstruinte, Obstruinte∅Nasal e Nasal∅Nasal).

As respostas que foram conforme as três possibilidades de silabificação previstas foram 518 (94%) e as respostas que foram diferentes das três possibilidades de silabificação previstas foram apenas 34 (6%).

9.5. Análise dos resultados

Os resultados que foram observados após a aplicação do estudo e a organização de todos os dados, provaram que, efetivamente, há alguma dificuldade em definir as fronteiras silábicas de palavras que têm sílabas com este tipo de sequências. Isto deve-se ao facto de, apesar de se poder verificar que há uma grande tendência para a associação dos segmentos que constituem a sílaba marcada a uma mesma sílaba, há alguma hesitação por parte dos indivíduos verificada na oscilação entre as outras possibilidades de silabificação.

Nos pontos seguintes, serão analisados separadamente os resultados de todas as sequências consonânticas e a posição da palavra em que elas ocorrem.

9.5.1. ObstruinteϕObstruinte

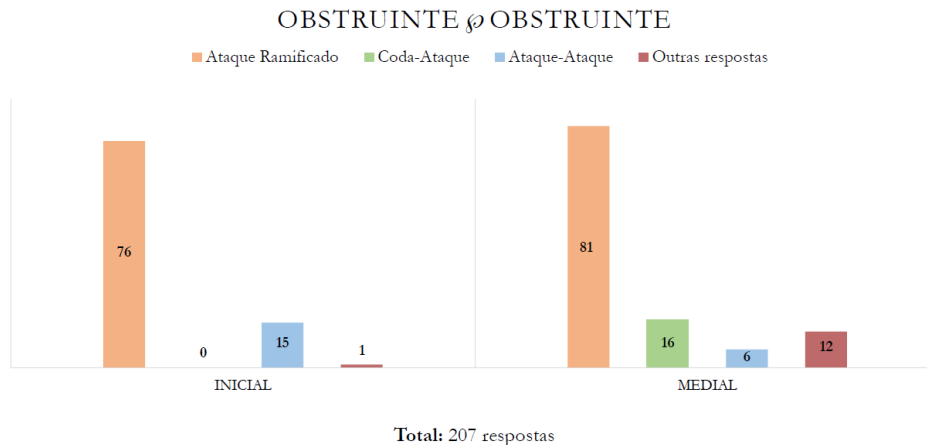
Quanto aos dados relativos às sequências de ObstruinteϕObstruinte, é possível verificar que tanto em posição inicial de palavra como em posição medial, a grande tendência de silabificação destas sequências é a de Ataque Ramificado, com 76 e 81 respostas, respetivamente.

Como se pode observar no Gráfico 1, foram 16 as respostas de indivíduos que realizaram a separação das duas consoantes em duas sílabas sucessivas, fazendo corresponder C1 a Coda da primeira sílaba e C2 a Ataque da segunda sílaba. Este tipo de prosodização das duas consoantes só se pôde verificar em posição medial de palavra, uma vez que nenhuma silabificação enquanto Coda-Ataque foi registada em posição inicial de palavra.

No que diz respeito à separação das duas consoantes por duas sílabas diferentes e sucessivas, sendo que C1 corresponde a Ataque de uma sílaba com um Núcleo vazio e C2 a Ataque de uma sílaba com Núcleo preenchido por uma vogal, registaram-se 15 respostas nas quais foi possível verificar-se esta possibilidade de silabificação em posição inicial de palavra e 6 respostas em posição medial, como se pode observar no Gráfico 1.

Por último, foi dada 1 resposta que correspondia a uma silabificação diferente das três possibilidades de silabificação previstas em posição inicial de palavra e outras 12 respostas distintas daquelas possibilidades de silabificação em posição medial de palavra.

Gráfico 1. Hipóteses de silabificação de ObstruinteϕObstruinte em posição inicial e em posição medial de palavra.



9.5.2. Obstruinte ∅ Nasal

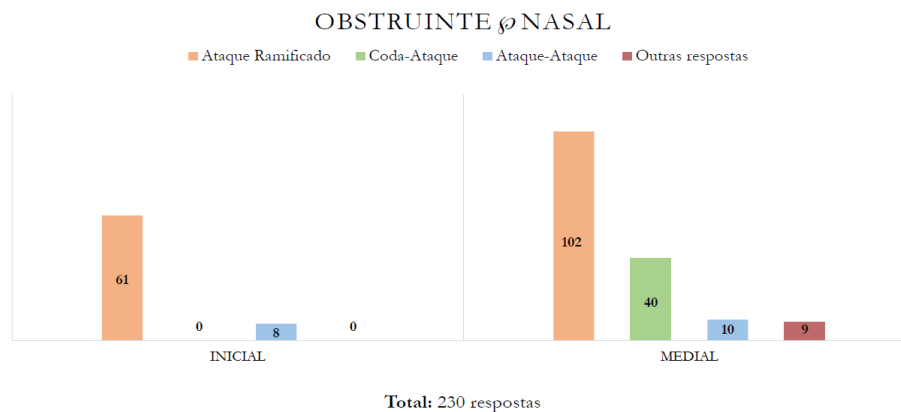
No que diz respeito às sequências de Obstruinte ∅ Nasal, é possível entender que a possibilidade de silabificação realizada mais frequentemente pelos indivíduos também é a de Ataque Ramificado, com 61 respostas registadas em posição inicial de palavra e 102 respostas registadas em posição medial de palavra, como se pode observar no Gráfico 2.

Em relação à possibilidade de silabificação enquanto Coda-Ataque, apenas se puderam verificar respostas em relação às sequências presentes em posição medial de palavra, uma vez que não há nenhuma resposta registada em posição inicial de palavra. Foram 40 as respostas registadas como Coda-Ataque de sequências consonânticas compostas por uma obstruinte precedendo imediatamente uma nasal.

Como vemos no Gráfico 2, as respostas registadas em relação à possibilidade de silabificação de Ataque-Ataque foram 8 em posição inicial de palavra e 10 em posição medial de palavra.

Finalmente, foram 9 as respostas registadas relativas a estas sequências consonânticas presentes em posição medial de palavra que não coincidiram com nenhuma das possibilidades de silabificação previstas para estas sequências consonânticas. Não houve nenhuma outra hipótese de silabificação registada quando estas sequências de consoantes ocorriam em posição inicial de palavra.

Gráfico 2. Hipóteses de silabificação de Obstruinte ∅ Nasal em posição inicial e em posição medial de palavra.



9.5.3. Nasal \emptyset Nasal

Em último lugar, as respostas concernentes às sequências consonânticas compostas por Nasal \emptyset Nasal também revelam que dentro desta amostra, a possibilidade de silabificação que os sujeitos realizaram mais frequentemente foi a de Ataque ramificado, com 13 respostas para a única sequência que ocorre em posição inicial de palavra (*mnemónica*) e 61 respostas para as sequências que ocorrem em posição medial de palavra.

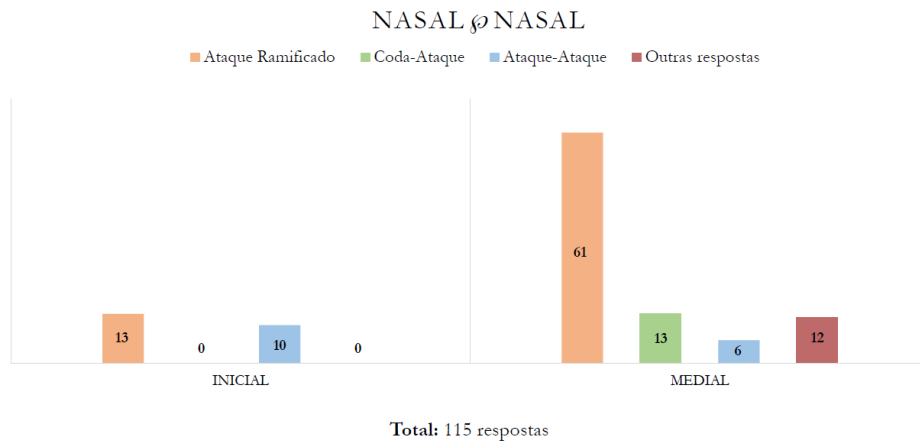
Como podemos observar no Gráfico 3, as respostas registadas enquanto Coda-Ataque para as sequências de duas nasais foram 13 em posição medial de palavra e nenhuma em posição inicial.

Relativamente à prosodização destas sequências enquanto Ataque-Ataque, foram 10 as respostas relativas à sequência em posição inicial de palavra e 6 respostas para as sequências presentes em posição medial de palavra.

Por fim, as respostas registadas em desacordo com as possibilidades de silabificação testadas foram 12 em posição medial de palavra e nenhuma resposta diferente daquelas possibilidades foi registada em posição inicial de palavra.

Neste caso, é importante salientar que a análise dos dados relativos à sequência inicial de palavra (*mnemónica*) não são muito significativos, visto que foi analisada apenas uma palavra com este tipo de sequência nesta posição da palavra, sendo este um caso muito excepcional.

Gráfico 3. Hipóteses de silabificação de Nasal \emptyset Nasal em posição inicial e em posição medial de palavra.



9.6. Discussão dos resultados

Os dados relativos às possibilidades de silabificação propostas pelos indivíduos que constituíram a amostra deste estudo revelam que a prosodização deste tipo de sequências consonânticas, que é realizada mais intuitivamente quando lhes é pedido que estabeleçam explicitamente a fronteira de sílabas que contenham estas sequências é, na sua grande maioria, enquanto Ataque ramificado.

Neste momento, é importante destacar as possibilidades de silabificação representadas no conhecimento fonológico dos indivíduos que fazem parte da amostra e dos princípios que eles respeitam ou violam face ao que se encontra nas descrições fonológicas da língua.

Em primeiro lugar, a silabificação enquanto Ataque ramificado é bastante evidente para os três tipos de sequências consonânticas em análise, sendo que as respostas relativas às sequências de Obstruinte \emptyset Obstruinte em posição inicial de palavra são, no total, 76 respostas; às sequências de Obstruinte \emptyset Nasal em posição inicial de palavra correspondem 61 respostas e para as sequências de Nasal \emptyset Nasal em posição inicial de palavra foram registadas 13 respostas. Já as respostas relativas às sequências que ocorrem em posição medial de palavra são: para as sequências Obstruinte \emptyset Obstruinte, 81 respostas; para as sequências Obstruinte \emptyset Nasal, 102 respostas e, para as sequências de Nasal \emptyset Nasal, 61 respostas. Neste caso, o que temos a salientar é o facto de os falantes nativos considerarem como Ataques ramificados “próprios” os Ataques ramificados compostos por sequências consonânticas “impróprias”, uma vez que violam o PS e a CD.

Em segundo lugar, a silabificação enquanto Coda-Ataque, apesar de não ser muito significativa, é, ainda assim, realizada por alguns indivíduos em certas palavras que

constituíam o material linguístico analisado, o que nos leva a concluir que alguns destes indivíduos consideram que segmentos diferentes de [r], [ʁ], [ʝ] e [ʒ] podem ocorrer em posição de Coda de sílaba em português. Em posição inicial de palavra não se verificou nenhuma resposta relativa a nenhuma das sequências consonânticas em análise. Em posição medial de palavra registaram-se 16 respostas para as sequências de Obstruinte∅Obstruinte, 40 respostas para as sequências de Obstruinte∅Nasal e 13 respostas para as sequências de Nasal∅Nasal.

Por último, a silabificação que nos permitiu verificar se os indivíduos aceitariam ou não a existência de Núcleos vazios, sendo isto contrário àquilo que é possível encontrar na literatura sobre as descrições relativas a este constituinte silábico em português, foi a silabificação enquanto Ataque-Ataque. Para as sequências consonânticas que ocorrem em posição inicial de palavra foram registadas 15 respostas para as sequências de Obstruinte∅Obstruinte; foram 8 as respostas registadas para as sequências de Obstruinte∅Nasal e, por último, foram 10 as respostas relativas às sequências de Nasal∅Nasal. No que diz respeito às sequências consonânticas que ocorrem em posição medial de palavra, foram registadas 6 respostas para as sequências de Obstruinte∅Obstruinte, foram registadas 10 respostas para as sequências de Obstruinte∅Nasal e foram registadas 6 respostas para as sequências de Nasal∅Nasal.

Todos estes resultados podem ser observados na Tabela 1.

Tabela 1. Silabificações possíveis para as três sequências consonânticas em posição inicial e em posição medial de palavra.

SEQUÊNCIAS CONSONÂNTICAS SILABIFICAÇÕES	OBSTRUINTE ∅ OBSTRUINTE		OBSTRUINTE ∅ NASAL		NASAL ∅ NASAL	
	INICIAL	MEDIAL	INICIAL	MEDIAL	INICIAL	MEDIAL
ATAQUE RAMIFICADO (ATAQUES RAMIFICADOS)	76	81	61	102	13	61
	TOTAL: 157		TOTAL: 163		TOTAL: 74	
CODA-ATAQUE (CODAS DIFERENTES DE {r, ʁ, ʝ, ʒ})	0	16	0	40	0	13
	TOTAL: 16		TOTAL: 40		TOTAL: 13	
ATAQUE-ATAQUE (NÚCLEOS VAZIOS?)	15	6	8	10	10	6
	TOTAL: 21		TOTAL: 18		TOTAL: 16	
TOTAL	194		221		103	

10. Considerações finais

Com este pequeno estudo, foi possível verificar uma clara tendência para a prosodização das sílabas das palavras que continham estas sequências consonânticas marcadas como Ataques ramificados.

Isto é o que nos permite perceber que o Princípio de Sonoridade e a Condição de Dissemelhança parecem não ser categoricamente respeitados pelos falantes nativos, uma vez que estes princípios são violados na grande maioria das respostas registadas. Nessas respostas foi possível verificar que os falantes colocavam as duas consoantes em posição adjacente e dentro da mesma sílaba.

Relativamente à Hipótese de Núcleo Vazio proposta por Mateus & d'Andrade (2000) para o português, os resultados deste estudo permitem relativizar, até certo ponto, essa possibilidade. Os dados que recolhemos deste estudo não são muito significativos, porque na aplicação do teste que foi feito com este grupo de indivíduos, não foi possível verificar indícios de epentização (inserção de vogal epentética apontada por vários autores na divisão silábica destas sequências) pela impossibilidade de gravação das sessões e pelo facto de se ter considerado apenas o julgamento explícito de fronteira silábica realizado pelos falantes. No entanto, é possível perceber que os resultados relativos à silabificação de todas as palavras com sequências consonânticas marcadas enquanto Ataque ramificado são muito mais significativos do que os resultados relativos à silabificação dessas mesmas sequências enquanto Ataque-Ataque.

O facto de se ter aplicado o teste apenas a duas dezenas de indivíduos refletiu-se num estudo empírico de pequeníssima escala cujos resultados poderiam ser muito pouco esclarecedores em alguns casos.

Não foram analisadas todas as palavras da língua que contêm este tipo de sequências e por isso é que os resultados também não são muito significativos. Também é importante destacar o facto de muitas das palavras que continham sequências marcadas (*ctenóforo*, *pterofagia*, *tmese*, etc.) serem palavras que entraram muito tardiamente na língua e que são de origem erudita. Esta marcação fonológica corresponde também a uma marcação lexical, devido ao facto de estas palavras serem mais raras na língua e, de salientar ainda é o caso de só se ter encontrado apenas uma sequência de Nasal \emptyset Nasal em posição inicial de palavra.

Com este pequeno estudo podemos verificar que a associação destas sequências a um mesmo constituinte silábico se apresenta como uma solução artificial e que não corresponde às descrições fonológicas da língua.

A interferência do conhecimento ortográfico de palavras que foram reveladas em alguns casos para a aplicação do teste ser bem sucedida e o conhecimento das regras de translineação em vigor no atual acordo ortográfico da língua podem ter sido determinantes para o tipo de divisão silábica realizada pelos indivíduos e podem ter, também, influenciado de alguma forma os resultados.

REFERÊNCIAS

- Barbeiro, L.F.T. 1986. Estrutura Silábica do Português. O papel da sílaba na análise dos processos fonológicos e fonéticos. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Barroso, H. 1999. Forma e Substância da Expressão da Língua Portuguesa. Coimbra: Almedina.
- Bisol, L. 1999. A Sílaba e os seus Constituintes. In Neves M. H. M. (org.). *Gramática do Português Falado*. São Paulo SP: Humanitas.
- Blevins, J. 1995. The Syllable in Phonological Theory. In Goldsmith J. (ed.). *The Handbook of Phonology*. Cambridge: Blackwell.
- Câmara Jr., J. M. 1976. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Cunha, C.; Cintra, L. 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa.
- Freitas, M. J.; Santos, A. L. 2001. *Contar (Histórias de) Sílabas. Descrição e Implicações para o Ensino do Português como Língua Materna*. Lisboa: Colibri.
- Freitas, M. J. 2017. Aquisição da fonologia em língua materna: a sílaba. In: Freitas, M. J & Santos, A. L. (eds.). *Aquisição da língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português*. Berlin: Language Science Press.
- Mateus, M. H. M.; Andrade, E. 2000. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Mateus, M. H.M.; Frota, S.; Vigário, M. 2003. Prosódia. In Mateus, M. H. M.; Brito, A. M.; Duarte, I.; Faria, I. H. (orgs.). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 1037-1076.
- Mateus, M. H. M.; Brito, A. M.; Duarte, I.; Faria, I. H. 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

- Morais, J. 1994. *L'Art de Lire*. Paris, Odile Jacob. Trad. port, de C. Rodriguez: A Arte de Ler. Psicologia Cognitiva da Leitura. Lisboa, Edições Cosmos, 1997.
- Roach, P. 2001. *English Phonetics and Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Selkirk, E. 1984. On the Major Class Features and Syllable Theory. In: Aronoff, M.; Oehrle, R. T. (eds.). *Language, Sound, and Structure. Studies Presented to Morris Halle by His Teacher and Students*. Cambridge: The MIT Press, pp. 107-136.
- Spencer, A. 1996. *Phonology*. Oxford: Blackwell.
- Veloso, J. 2003. *Da Influência do Conhecimento Ortográfico sobre o Conhecimento Fonológico. Estudo Longitudinal de um Grupo de Crianças Falantes Nativas do Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Viana, A. R. G. 1892. *Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionaes e estrangeiros*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Vigário, M.; Falé, I. 1993. A sílaba do Português Fundamental: uma descrição e algumas considerações de ordem teórica. *Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/Colibri.